



CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – Ano XII – AGOSTO 2006.

EDITORIAL

Congresso Brasileiro de Folclore em Natal = 29 de agosto a 1 de setembro

Carranca reproduz nesta página de abertura o Editorial do Congresso que vai se realizar na acolhedora cidade de natal - Rio Grande do Norte.

O UNIVERSO DO FOLCLORE POTIGUAR E SUAS ESTRELAS

MAIORES

O Rio Grande do Norte é um dos estados brasileiros mais privilegiados quanto a diversidade e conteúdo de cultura popular.

Berço de Luís da Câmara Cascudo (aqui nascido em 1898 – e aqui falecido em 1986), considerado por muitos dos seus contemporâneos o maior folclorista do Brasil, o Estado teve a graça de hospedar, no final dos anos 20, o escritor Mário de Andrade. Aqui Mário realizou um trabalho fabuloso de pesquisa de campo sobre os nossos autos e danças folclóricas, sendo hóspede de Cascudo, na “Vila Amélia”, no bairro do Tirol, em Natal. Essa viagem foi da maior importância para a cultura brasileira e potiguar. Mário, com o material colhido no Rio Grande do Norte e em outros estados do Nordeste, deu início ao seu projeto “Na Pancada do Ganzá”, que compreenderia livros sobre nossas danças folclóricas (“Danças dramáticas do Brasil”), sobre a música folclórica do Nordeste (os cocos, melodia dos bois e outras peças) e vários outros estudos da maior seriedade, revelando ao público brasileiro a pujança da poesia e da música das cantigas folclóricas de nossa gente humilde.

Cascudo, por sua vez, deslancharia somente aos 41 anos a sua fúria de produzir folclore. Em 1937, Mário de Andrade mandou-lhe de São Paulo uma carta que era um libelo, diante da sua ausência na bibliografia folclórica do Brasil, enquanto escrevia livros sobre a literatura do Rio Grande do Norte e sobre a história pátria.

A partir daí, Cascudo em poucos anos se transformou no grande pesquisador e escritor da cultura popular brasileira.

Foi fundador da Sociedade Brasileira de Folclore, em 1941, e de todos que compunham a Diretoria da Sociedade, somente ele conseguiu desenvolver um trabalho consistente e que lhe deu notoriedade mundial, como folclorista.

A fantástica bibliografia de Luís da Câmara Cascudo compreende aproximadamente 150 títulos, na qual sobressaem os 70 volumes sobre o folclore; além de milhares de artigos publicados no Brasil e no exterior; centenas de conferências proferidas dentro e fora do país e mais de 12.000 verbetes por ele catalogados e inseridos em Enciclopédias e Dicionários nacionais e estrangeiros.

Cascudo e Mário são os pilares sólidos em que se assenta o universo folclórico potiguar. Cascudo convidando Mário

para vir ao Rio Grande do Norte, hospedando-o e oferecendo todas as condições para sua profunda pesquisa sobre nossa cultura popular. Mário praticamente coagindo Cascudo a se comprometer com as questões do folclore, o que efetivamente aconteceu, publicando tudo o que já havia pesquisado sobre as expressões da nossa literatura popular, com o clássico “Vaqueiros e cantadores”, o primeiro de uma série de obras importantíssimas sobre o folclore, inclusive livros de referência para a bibliografia brasileira, como o “Dicionário do Folclore brasileiro”, a sua “Literatura oral” e “30 histórias brasileiras”. Essas figuras de enorme magnitude, fabulosos estudiosos da nossa cultura popular, foram testemunhas da surpreendente grandeza do folclore do pequeno Estado do Rio Grande do Norte.

Ainda hoje, nossas danças folclóricas se espalham pelas cidades e lugarejos, alegram o nosso povo e encantam os visitantes do Rio Grande do Norte. Os estudiosos, mais ainda, se extasiam com sua fidelidade à tradição, a beleza e a vastidão dos seus repertórios de cantigas.

Um exemplo de inusitada maestria na arte popular é o mamulengueiro Chico Daniel, conceituado em todo o Brasil, que ainda hoje, diverte as platéias de Natal e do interior do Estado.

Finalmente, encerrando com chave de ouro essa constelação de autoridades da maneira de ser e viver do povo potiguar e brasileiro, invocamos o nome de Militana Salustino do Nascimento, nossa maior romancista. Senhora de uma inteligência privilegiada, “Dona Militana” guarda na memória dezenas de romances ibéricos e brasileiros, desde o “Juliana e Dom Jorge”, talvez o mais antigo de todos, até os romances do Cangaço, de que ela sabe uma boa dezena, fato raro no romanceiro nacional. Dona Militana foi recente e merecidamente agraciada com a Comenda da Ordem do Mérito Cultural Brasileiro, entregue pessoalmente pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, honraria que poucos receberam no Brasil, até hoje.

Esperamos que a luz dessas estrelas ilumine a inteligência dos que virão a Natal para participar do 12º Congresso Brasileiro de Folclore, para que as discussões revelem os caminhos do reconhecimento, da valorização e do apoio a nossa cultura popular.

Deífilo Gurgel
presidente

Veja nesta Edição:

- ❖ Agenda - 2 - 3
- ❖ Artigos e contribuições - 4 - 5
- ❖ Resenhas, Programa, Entrevista - 6 - 7

AGENDA

ACONTECENDO

➤ PORQUE O CONGRESSO BRASILEIRO

DE FOLCLORE EM NATAL

A ciência do folclore é uma disciplina universal, com lugar de destaque em todos os direcionamentos humanos, fundamentando uma formação espiritual e auxiliando diretamente a vida curricular de todos os níveis de ensino, imprescindível ao chamado conhecimento da realidade sócio-cultural de um povo.

O Brasil, o Nordeste e em particular o Rio Grande do Norte, detentores de importantes acervos da cultura popular, reconhecidos ou não, precisam dar continuidade ao relevante trabalho de uma plêiade de estudiosos da ciência de William John Thoms que em 1951, reunidos na cidade do Rio de Janeiro, realizaram o I Congresso Brasileiro de Folclore, e forjaram os princípios e normas para o estudo e a pesquisa folclórica, com métodos próprios de reconhecimento e valorização do fato folclórico e suas características peculiares.

Aquele Congresso foi o ponto de partida para uma série de outros, realizados em vários Estados, cujos resultados têm sido da maior importância para a vida cultural dessas localidades, com grande contribuição para a cultura brasileira.

Considerando que o Rio Grande do Norte sempre teve, e continua tendo, lugar de destaque no universo folclórico do país, não só por ser a terra do saudoso mestre Luis da Câmara Cascudo (1898-1986), o maior folclorista brasileiro, e um dos maiores do mundo, mas também pela sua reconhecida riqueza cultural, que o Brasil precisa conhecer mais, entendemos ser esta a grande oportunidade, quando sedia pela primeira vez um evento desse porte, de mostrar ao Brasil o que temos, o que somos, e o que podemos realizar, associando essas importantes manifestações culturais ao segmento turístico, nossa grande vocação econômica, que aliado à cultura, adquire um componente transformador da sociedade, para a consolidação de seus objetivos sócio-econômicos, como gerador de empregos, aumento e distribuição de renda e entrada de divisas estrangeiras.

É preciso compreender que tendo o nosso Estado esse importante patrimônio cultural, e do mesmo modo outros estados do país, favorável a uma política moderna de turismo sustentável, cumpre-nos associar ao turismo esse fator da nossa vida material e imaterial.

Para isso, faz-se necessário o aproveitamento adequado da relação folclore e turismo, de forma responsável e racional, buscando proteger os agentes da cultura popular das pressões econômicas e políticas que geram resultados equivocados, conflituosos, com sérios prejuízos à vida das comunidades.

Nesse sentido a Comissão Nacional de Folclore e a Comissão Norte-Riograndense de Folclore, com o apoio dos governos federal e estadual, prefeituras, universidades, entidades culturais e iniciativa privada, realizarão em Natal o 12º Congresso Brasileiro de Folclore, no período de 29 de agosto a 1º de setembro de 2006, cujo eixo temático será Folclore e Turismo: cenário de inclusão social, inserindo este binômio no contexto de um mundo em transformação em que os problemas culturais, educacionais, a identidade nacional, em uma época de globalização, sejam avaliados, repensados, nos seus mais variados direcionamentos que estão a exigir análise e propostas objetivas.

Severino Vicente secretário geral Comissão

Norte-Riograndense de Folclore.

➤ Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

O Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), localizado no Rio de Janeiro, integrado desde 2003, à estrutura do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, busca acompanhar em nível nacional, as constantes transformações na área de folclore e cultura popular, Lá são desenvolvidos e executados programas e projetos de estudo, pesquisa, documentação e difusão de manifestações dos saberes e fazeres do nosso povo. Essas atividades resultaram em um acervo museológico de 14 mil objetos, 130 mil documentos bibliográficos e cerca de 70 mil documentos audiovisuais.

www.museudofolclore.com.br

➤ Resumo da Dissertação de mestrado de Magno Cirqueira Córdova - Comissão Mineira de

Folclore

Representações de cidade e construções identitárias através de canções de migrantes no Brasil dos anos 70



A idéia da pesquisa é situar a experiência de artistas migrantes nascidos nos estados do Piauí e do Ceará

no quadro geral da canção popular realizada no Brasil durante a década de 1970. A escolha dessa experiência histórica se deveu por parecer a mais rica do ponto de vista da diversidade de questões relativas aos processos culturais que ela suscita: o popular, o nacional, o regional e o local se esboçam, com todas as contradições presentificadas naquele momento, em uma perspectiva muito peculiar. O que respalda tratá-la como metonímia¹ da própria noção de MPB, assim grafada, como uma sigla – tal qual um partido político –, e que ainda era uma categoria embrionária naquela época. A experiência abordada é considerada, portanto, como uma espécie de microcosmo da música popular brasileira ali esboçado. O significado que teve a cidade de Brasília para aquela geração de migrantes saídos dos dois estados em questão é um dos focos da dissertação. Algumas parcerias entre músicos, letristas, compositores e intérpretes surgiram tendo em Brasília o núcleo de uma aproximação inicial. A partir desta constatação discorre-se sobre as construções identitárias presentes nos discursos musicais (letra e música) desses artistas, particularmente recorrentes nas composições em que são representadas as cidades de origem e aquelas alcançadas



AGENDA

com a suas experiências de migração. Parte-se do pressuposto que tal experiência oferece subsídios que permitem reconhecer o que há de “imaginário” ou fantasiado na suposta unidade que a idéia de identidade aí é esboçada. Isso, no entanto, não invalida a atuação dos seus protagonistas. Ao contrário, a constatação da inconsistência impositiva de uma determinada identidade a partir de suas experiências é o reconhecimento de que seja possível, através de sua abordagem, concebê-la “em processo”, “sendo formada” e permanentemente incompleta. Tendo por intuito dar alguma contribuição para o entendimento da complexa noção de música popular feita no país, o trabalho pretende iluminar algumas questões relativas às contradições da sociedade brasileira a partir de um campo de atuação artística muito próximo do cotidiano de parcela significativa dos seus indivíduos, particularmente observado a partir daquela década.

(*) Emprega-se uma figura de linguagem – a metonímia

– para analisar situações em que a parte é tomada pelo todo.

PROPOSTA DE TRABALHO

BIÊNIO : 2006 / 2007

- Realizar, diretamente ou mediante convênio, documentação, pesquisas e estudos sobre as manifestações populares tradicionais;
- Divulgar estudos sobre as manifestações folclóricas através dos meios de comunicação;
- Editar semestralmente a “Revista do Folclore” mediante convênios;
- Editar bimestralmente o Jornal Carranca – distribuído gratuitamente para bibliotecas e escolas públicas, mediante convênios;
- Promover cursos, palestras, seminários, simpósios, oficinas, pesquisas e outros certames sobre a cultura popular em Minas Gerais;
- Promover exposições temporárias e permanentes e itinerantes de alguns objetos/ fatos folclóricos;
- Promover exposição temporária no CTM de algumas peças do Museu do Folclore em Vespasiano;
- Promover exibição de filmes, audiovisuais, mostras fotográficas elaborados ou não pelos membros efetivos da CMFL;
- Coordenar e Promover o mês do Folclore em agosto em BH e outros municípios;
- Atuar junto ao CTM e às autoridades educacionais, culturais e de turismo no sentido do reconhecimento, valorização, prestígio e respeito às várias formas populares de expressão cultural;
- Colaborar com o órgãos de Educação, Turismo e Cultura estaduais e municipais na divulgação, no planejamento e utilização do folclore nas escolas, bem como na orientação do magistério para seu aproveitamento curricular;
- Sugerir medidas destinadas à proteção e apoio ao artesanato e arte folclórica junto aos órgãos de Cultura e Turismo e associações afins;

- Oferecer suporte técnico possibilitando os registros do patrimônio imaterial e material de Minas Gerais pelo órgão competente nos livros dos saberes, das celebrações, das formas de expressões e de lugares, como também aos diversos meios de comunicação;
- Colaborar com as Secretarias e Empresas de Turismo na elaboração de programas que envolvam manifestações folclóricas e da cultura popular;
- Participar juntamente ao CTM, na elaboração do inventário e catalogação de indivíduos e grupos familiares dedicados à arte popular, artesanato e indústria caseira; calendário de festas, festivais e folguedos de Minas Gerais;
- Disponibilizar o acervo bibliográfico da CMFL para pesquisas e consultas;
- Organizar e disponibilizar o banco de dados sobre Folclore já em parceria com o Unicentro Newton Paiva;
- Elaborar e apresentar projetos de captação de recursos – Lei de Incentivo a Cultura - junto aos órgãos governamentais, municipal, estadual e federal, para a manutenção e implementação das propostas a serem realizadas no biênio 2006 / 2007.
- Apoiar as atividades das entidades agregadas ao CTM.

Encontro Nacional de Museus / 2006 Ano Nacional dos Museus

O Conselho Internacional de Museus (ICOM), realizou de 29 de abril a Primeiro de Maio de 2006, em São Miguel das Missões /RS, o Encontro Nacional de Museus, com o tema “Os museus e os jovens”, para comemorar os 60 anos de criação da instituição.

O ano de 2006 foi instituído como o Ano Nacional dos Museus. No lançamento da programação de atividades realizou-se um concurso promovido pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN, onde entre 240 propostas de uma marca simbólica, o projeto de Ricardo Guilherme dos Santos, estudante de desenho gráfico da Universidade Estadual de Minas Gerais, foi o escolhido.

Dentre as atividades do Ano Nacional de Museus, destacam-se a realização da Quarta Edição da Semana Nacional de Museus realizada entre os dias 15 e 21 de maio, com o tema “Museus e Público Jovem”, e o **Segundo Fórum Nacional de Museus, cuja realização está prevista para o período de 22 a 26 de agosto de 2006, em Ouro Preto, Minas Gerais.**



➤ A força econômica do Folclore

Sebastião Breguez*

O mês de agosto é comemorado no mundo inteiro como o mês do Folclore, das tradições populares e das culturas regionais. A UNESCO, organização da ONU para assuntos de Educação e Cultura, situada em Paris, instituiu esta comemoração para impedir a destruição de culturas locais pelo processo de expansão industrial do mundo desenvolvido.

Mas nem só de comemorações vive a cultura popular: o Folclore tem se transformado em importante item de fonte de lucro e renda para as comunidades regionais, provocando impacto nas pequenas economias das cidades onde existem manifestações importantes.

A festa do Boi-Bumbá, em Parintins (AM) é o exemplo mais importante: ela movimenta cerca de R\$10 milhões nos seis a oito dias de festejos, entre junho e julho de cada ano. A festa do peão boiadeiro de Barretos (SP) tem investimentos de R\$8 milhões para um lucro de R\$15 milhões. Se pensarmos que existem, em todo o País, 1,3 mil festas cadastradas pelos órgãos de turismo, o lucro estimado delas é calculado em US\$3 bilhões. Estes dados já nos mostram a força econômica do Folclore que reanima as pequenas economias de localidades sem atividade econômica de peso tanto na indústria quanto no comércio.

Quando se fala de investimento econômico na área da cultura no Brasil, pensa-se logo no Carnaval que sozinho já movimenta cerca de R\$2 bilhões por ano, sendo que metade desta cifra fica no Rio de Janeiro. Mas o crescimento de atividades econômicas intimamente às manifestações culturais populares também se deve ao crescimento urbano, a migração para as grandes cidades e a importância da mídia na vida das pessoas. Isto mostra o impacto que a tv como mídia teve na transformação das pessoas nos últimos anos, criando novos valores de consumo e mudando o comportamento das pessoas com relação a cultura.

É interessante observar que, no Brasil, a globalização não destruiu as culturas regionais. Mas, ao contrário, provocou um fenômeno inverso de revitalização do tradicional, da busca da natureza, das festas do interior e do consumo de manifestações populares antes desprezadas. Bem entendido com o apoio da mídia televisiva e o patrocínio de grandes empresas.

O que fez com que, por exemplo, a Coca-Cola, uma empresa multinacional, compra-se a idéia da festa do Boi-Bumbá, de Parintins (AM) e associa-se sua marca à festa. As duas agremiações de bois, a do Caprichoso e do Garantido, recebem patrocínio de R\$800 mil cada para incrementar o duelo. Assim, cada apresentação destes grupos tem custo de R\$3 milhões, o que é uma cifra importante se olharmos a renda da população de Parintins fora da época da festa.

O guaraná Kwat, da Coca-Cola teve sua imagem fortalecida e associada à festa de Parintins, para ser consumido como produto original da Amazônia Também tem patrocinado a festa outras empresas como o Banco Bradesco, a Amazônia Celular, a Souza Cruz e outras. Dessa forma, a festa movimenta o pequeno comércio,

a área de alimentação, hotelaria, artesanato, construção civil, agências de viagens e turismo. A cidade mudou em função da manifestação folclórica local. Ganhou celebridade nacional e até mesmo internacional, pois, há grande afluxo de turistas de outros países que querem conhecer mais a Amazônia e seus atrativos.

Isto vem mostrar que o Folclore não é somente o tradicional e o resíduo do ultrapassado que ainda sobrevive na sociedade moderna em função da transição forte do rural ao urbano dos países do Terceiro Mundo. Há uma forte busca de consumo de valores rurais, produtos da roça, comidas típicas e a vida mais natural. Isto se transforma em valores de consumo que mudam o ritmo da vida interiorana, aquecendo as economias e as culturas locais.

* *Jornalista*, professor e pesquisador de Folclore, Sebastião Breguez (UFV/Comité de Folklore da OEA e Comissão Mineira de Folclore), participa, nos dias 16, 17 e 18 de março próximo, de Seminário Nacional de Comunicação no UNINOVE-SP (Centro Universitário 9 de Julho). Ele é um dos conferencistas e fala sobre Perspectivas Atuais das Pesquisas de Comunicação no Brasil. Sebastião Breguez também é coordenador de núcleo de pesquisa da INTERCOM. Durante o evento será lançado o DVD PARA ENTENDER A FOLKCOMUNICAÇÃO que tem depoimento do Prof. Breguez. Participam do seminário os professores José Marques de Melo, Diretor da Cátedra UNESCO de Comunicação, o Prof. Antônio Hohfeld, da PUC-RS e atual governador do Rio Grande do Sul, a prof^a Cristina Schimdt, Presidente da Folkcom, o prof. Osvaldo Trigueiro da UFPB, e o prof. Roberto Benjamin, Presidente da Comissão Nacional de Folclore e da UFPE.

Lei 10.639/ 03 e suas implicações

Andréia Patrícia de Souza (Folclorista)

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se elas podem prenda a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o oposto.

(Nelson Mandela)

Segundo estimativas, no período da colonização, 10 milhões de africanos vieram para as Américas, sendo 35% com destino ao Brasil, onde se tornaram escravos. Em Minas Gerais há um grande número de negros¹, descendentes dos povos Bantos, que aqui chegaram no séc. XVIII para trabalhar nas minas de ouro.

Em 09 de janeiro de 2003, foi sancionada a lei 10.639, que altera a Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Essa lei estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura afro-brasileira, e dá outras providências.

A partir de então, tornou-se obrigatório a inclusão do estudo da História e Cultura Afro-brasileira, no currículo das escolas de ensino fundamental e médio, sejam elas públicas ou privadas.

Muitos são os desafios, já que se trata de questões complexas. Para alguns, tal lei pode ser considerada como mais uma forma de racismo, e discordam quando a lei propõe que os



calendários escolares incluem o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra, afirmando que a cultura negra não deve ser debatida apenas em datas pontuais como 20 de novembro e 13 de maio², e sim durante todo o tempo.

Para muitos, a lei é vista como uma “alforria curricular”, porém, estão conscientes de que há de se fazer um grande trabalho de conscientização, tanto com a comunidade quanto com os educadores, para que possam apoiar o aluno. Já outros questionam e duvidam sobre as possibilidades da lei vingar, já que muitos municípios a ignora.³

É através das escolas, já nas séries iniciais, que se poderá abordar de forma didático - pedagógica a presença da população africana no Brasil. É necessário que as crianças entrem em contato com uma história verdadeira, que até agora nos foi ocultada, já que o que nos chegou foi uma história deturpada, caricaturizada, contada do ponto de vista de quem relata. Nos estabelecimentos de ensino já há uma miscigenação racial e cultural, o que facilita o trabalho dos educadores interessados em abordar a cultura afro-brasileira, baseando-se nas práticas racistas, discriminação, que estão presentes no cotidiano de nossos alunos. É preciso criar uma cultura de igualdade, valorizando nossos heróis negros, como Zumbi dos Palmares, Aleijadinho e outros.

Para que isso aconteça, é preciso que se tenha professores preparados, e é preciso começar a prepará-los. Tal processo será em médio prazo. Acredita-se que em pouco tempo se terá a primeira geração de educadores aptos a incorporarem a cultura afro no cotidiano escolar. Algumas organizações já se mobilizam para que isso aconteça.

A curto prazo, é preciso que haja, nos projetos políticos pedagógicos das escolas, uma discussão em torno dos conteúdos sobre cultura afro. Segundo a LDB, todo e qualquer conteúdo que valorize a identidade cultural sinaliza como forma de reconhecimento e afirmação da cidadania.

Felizmente, hoje já se vê algumas mudanças na mídia, porém, num passado não muito distante, até a metade do séc. XX, aproximadamente, a mídia nos passava uma África completamente distorcida: Cleópatra, rainha africana, os faraós e Tarzan, o rei da selva, foram retratados como personagens brancos, sendo Cleópatra, inclusive, vivida no cinema pela atriz Elizabeth Taylor. Esse é apenas um exemplo de preconceito, que encabeça uma extensa lista: África sendo retratada como uma selva, negro visto como empregados domésticos, falta de conhecimento das religiões africanas, muitas vezes vistas como feitiçarias.

Para que se cumpra a lei 10.639/03, algumas mudanças se fazem necessárias, tais como a formação de professores, edição de materiais educativos voltados para professores, comunidade e alunos, valorização das comunidades e grupos negros existentes em cada comunidade e, principalmente, investimentos do Poder Público.

¹ De acordo com o IBGE/ PNAD 2003, pessoas pretas e pardas são consideradas negras.

² 20 de novembro: Dia Nacional da Consciência Negra e 13 de maio: Dia Nacional da Luta contra o Racismo

³ Belo Horizonte é uma das poucas cidades a ter uma lei que defende a cultura afro-brasileira: vide Art. 182,IV (Lei Orgânica)

**Lançamentos da Comissão Mineira de Folclore
Expressividade Mineira na Dança Folclórica
Agueda Moraes de Carvalhaes e Kallás.**

As contribuições da monografia são um convite ao leitor para estudar em profundidade a formação histórica de Minas Gerais com atenção para as formas de manifestações corporais. Já se perguntou, por que o mineiro anda olhando para o chão; por que o mineiro não se decide e muito mais que pudesse definir o caráter social do mineiro. Agueda parte de suas muitas vivências, como professora de dança no Palácio das Artes e como dançarina em grupos chamados de “projecção folclórica”.

Apresenta ao leitor descobertas importantes: há um padrão mineiro de dançar e sua marca principal são os gestos contidos, uma quase avareza dos gestos.

***Boi-da-Manta. Ele não sabe que seu dia é hoje.*
Danielle Gomes de Freitas**

A Comissão Mineira de Folclore viveu, no ano de comemoração de seu cinquentenário – 1998 - , momentos importantes. Um deles foi a disposição do Centro Universitário Newton Paiva de apoiar essa instituição-movimento patrocinando o Curso de Pós-graduação lato-sensu Folclore e Cultura Popular.

Os frutos colhidos ao longo de dois anos de estudos são disseminados agora com o apoio da USIMINAS e pela Secretaria de Estado da Cultura com auxílio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

Entre as monografias elaboradas, destaca-se a da folclorista Danielle de Freitas. Nessa, a autora se debruça sobre uma extensa bibliografia para estudar o gênero “Bumba meu boi” e compreender concretamente esse tipo de manifestação no folguedo intitulado “Boi da Manta”, tal como se apresenta no carnaval da cidade de Vespasiano – município da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Mais do que um estudo de folclore, a obra de Danielle é uma contribuição importante para a Antropologia Cultural. Com efeito, nela se prioriza uma abordagem comparativa com a intenção de determinar a que tipo de classificação se pode filiar o Boi da Manta, tendo em vista os estudos já realizados.

Danielle argumenta de forma consistente que o Boi da Manta pode ser compreendido no gênero dos folguedos intitulados como “Cordão de Bichos”, mantendo ainda parentesco com o “Zé Pereira” pelo seu vínculo com o Carnaval moderno que se inaugura no século XIX em substituição ao Entrudo.

Ele não sabe que seu dia é hoje, além da contribuição específica para essa forma de manifestação popular na cidade de Vespasiano, é também um exemplo de estudo atento de estabelecimento de uma taxonomia dos gêneros dos folguedos populares.

***Nas Entrelinhas da Expressão. A Dança Folclórica Lundu.*
Kátia Cupertino**

Entre as monografias publicadas, destaca-se a da folclorista Kátia Cupertino que, como atual presidente da Comissão Mineira de Folclore promete uma era de renovação.

Aqui a autora se inquieta com a pergunta: como o lundu, conhecido mais freqüentemente como uma dança de cunho erótico em muitas regiões do Brasil, se apresenta em Minas Gerais inserido nas comemorações natalinas das folias de reis?

As contribuições da monografia convidam o leitor a estudar em profundidade a características da civilização mineira, em especial, as marcas da interação interétnica presente nos momentos de festa.

Ao estudar o lundu na folia de reis do bairro Labanca do distrito de Justinópolis, município de Ribeirão das Neves, Kátia põe em relevo uma rede subterrânea de relações que resistem a todo o discurso de promoção da modernização com a instalação de Belo Horizonte – o sonho de uma capital para a República.

Folias de reis acolhem danças negras e são mantidas no interior das irmandades de Nossa Senhora do Rosário. A inscrição do lundu vem, juntamente com os ternos de Congo, de Moçambique e do sagrado candombe, declarar que a cidade não resiste à segregação por mais que seja a injusta a ordem social que insiste nessa segregação. Essa é uma das riquezas do estudo de Kátia Cupertino.

***Segredos e Mistérios da Arte de Partejar.*
Maria Agripina Neves**

A monografia aborda o trabalho das parteiras de Ouro Preto - Minas Gerais - cobrindo o período de 1935 a 1999.

Tal as outras obras, o estudo de Agripina resulta de pesquisas desenvolvidas no Curso de Folclore e Cultura Popular, patrocinado pelo Centro Universitário Newton Paiva.



Resenhas

PROJETO FLORES E AMORES

(Folclore nas práticas pedagógicas)

Autor: **Edméia da Conceição de Faria Oliveira – membro efetivo da CMFL- Comissão Mineira de Folclore, Escritora, Especialista em Educação Infantil**

Telefax: (0xx) 37- 3523 1116 - e-mail: edmeiafaria@netpeu.com.br

O presente trabalho resulta de um projeto interdisciplinar desenvolvido com professores e alunos em escolas da rede pública e particular no município de Pompéu e região. O Projeto nasceu do curso de capacitação de professores, *Literatura e Afetividade*, e teve como ponto de partida a leitura partilhada do livro de quadrinhas folclóricas, *Flores e amores*, que deu nome ao Projeto.

Neste trabalho, utilizamos a metodologia da pesquisa e o relato de experiência em sala de aula, em cursos de capacitação de professores e em projetos de Educação Não-Formal. E tem por objetivo a reabilitação do folclore e sua utilização nas práticas pedagógicas, visando a uma escola mais humana e uma educação solidária, afetiva e efetiva.

O folclore, além de ser elemento de subsistência das culturas e união entre os povos, é um universo atraente, rico e variado; fonte inesgotável de motivação didática.

Helena Antipoff o adotou no currículo de todos os seus cursos, nos quais ensinava aos alunos aproveitar o material popular tradicional na sala de aula e incentivava a pesquisa.

No contexto atual, com os recursos tecnológicos, a escola ignora o saber folclórico, passando a utilizá-lo apenas nas comemorações do mês de agosto e nas festas juninas. Estas, em geral, descaracterizadas e esvaziadas do seu sentido.

Em nossos cursos, constatamos a ausência do folclore nas práticas pedagógicas desde a Educação Infantil até os cursos de Formação de Professores, o que concorre para a falta de sentido das matérias; a indisciplina, o desinteresse, a dificuldade de aprendizagem e de convivência.

Atualmente, com a complexidade da vida na Sociedade, a escola, agência básica oficial para a educação, substitui a família.

Com uma educação massiva, nossos padrões tradicionais tendem a ser substituídos por modelos estereotipados. De acordo com o Folclorista e Antropólogo Doutor Saul MARTINS (1991), o folclore na escola é missão de salvamento. O professor, conforme afirma o mestre, deve ser instruído no assunto, de modo a aproveitar o folclore na sala de aula como recurso lúdico e pedagógico, como meio de formação, de preservação de valores tradicionais universais, fundamentais à construção da cidadania e convivência harmônica.

O Projeto Flores e Amores, além da valorização e reabilitação do folclore, tornou as aulas mais interessantes e produtivas; despertou o interesse pela pesquisa; contribuiu para a promoção da leitura e a integração da escola com a família e a comunidade, favorecendo a criação de laços afetivos. Razão por que decidimos compartilhar nossa experiência.

Esperamos, pois, com este trabalho, contribuir para a dinamização do folclore e sua utilização nas práticas pedagógicas; para a preservação de nossas raízes e promoção de uma cultura de paz.

42ª SEMANA MINEIRA DE FOLCLORE

Público Alvo:

Professores das áreas de Ciências Sociais, Turismo, História, Educação Física, Pedagogia e Música, estudantes e pessoas interessadas.

14 a 18 de Agosto

➤ **Curso: Folclore na Educação** : Vespasiano Domingos Diniz – Introdução; Luiz Trópia - Brincadeiras; Frei Xico-Festas; Águeda - Artes; Kátia e Danielle-Danças.

18 e 19 de Agosto

➤ **Oficina de Artes** - Edileila Portes - Ipatinga

22 de Agosto - Belo Horizonte (**convite especial**)

- Lançamento de monografias
- Encontro de Folcloristas

21 a 25 de Agosto

➤ Ciclo de Debates: As traduções da tradição

Belo Horizonte

21/08 - Literatura oral e linguagem popular:

Antonio Henrique Weitzel

- **O Folclore abordado na área do Turismo:**

Maria de Lurdes Dias Reis e Domingos Diniz

23/08 - O Folclore e a Arte visual - Águeda Kallás

- **A Pedagogia do Folclore** - Edméia Faria

24 /08- Religiosidade popular:- Resistência

Cultural - Frei Francesa Van der Poel e

Waldormiro e Pedrina Santos

25/08- O Folclore como espetáculo -

Grupo Aruanda - Vagner Cosse; Grupo Congá – Jarbas Cardoso.

Grupo Guararás : ;Gustavo Cortez – Grupo

Sarandeiros

Bom Despacho

21/08 - FOLKCOMUNICAÇÃO: Breguez -

- **O Folclore e a Música-Carlos Felipe**

- **O Folclore e a Arte visual** - Edileila Portes

23/08- Tradição e pragmática do Saber Popular em Minas Gerais

José Moreira de Souza

14 a 25 de Agosto

➤ **Visitas agendadas ao Museu do Folclore Saul Alves Martins em Vespasiano**



Entrevista concedida à jornalista Rosa Lúcia de Andrade, da Assessoria de Comunicação do XII Congresso Brasileiro de Folclore – Natal 2006

1 – Como o turismo voltado para folclore pode crescer de forma que os visitantes tenham conhecimento da produção folclórica de cada região e não recebam informações transformadas? O senhor vê uma preocupação do poder público, de forma geral no Brasil, em proteger a cultura popular e divulgá-la?

Estou abordando em minha contribuição para o Congresso um Relatório da UNESCO intitulado *Nossa Diversidade Cultural*. Chamo a atenção para uma frase de Mahatma Gandhi transcrita no referido Relatório: “Eu quero que os ventos de todo o mundo soprem sobre minha casa da forma a mais livre possível, mas, eu também me recuso a ser arrastado por qualquer um deles.” No ano passado em uma conferência municipal de Turismo realizado no município de Gouveia, Minas Gerais, insisti sobre esse aforisma, lembrando “O turismo só é bom se o for em primeiro lugar para o morador local.” Um dos exemplos mais freqüentes é a transformação das manifestações populares em espetáculo para turistas. A primeira consequência é a perda do contexto simbólico para o grupo. No Congresso de Porto Alegre, essa questão foi muito discutida. Ali foram apresentados e debatidos inúmeros exemplos da relação entre cultura popular e espetáculo para as massas turísticas. A questão da diversidade cultural se transforma em shopping da cultura como afirma um dos autores abordados em minha contribuição para este Congresso. Assistimos desse modo a uma política cultural neo-colonizadora no interior de um discurso de pós-colonialismo. Ao longo do século XIX, a política cultural do Império que se estendeu pela República com a intenção de eliminar o “bárbaro entrudo”, introduzindo o “carnaval moderno”, buscou a modernização dos costumes enraizados no sistema colonial. Assistimos hoje a um “bárbaro carnaval” para o turista ávido de se deparar com os “primitivos” brasileiros. O que era uma festa que demarcava a vitória sobre o trabalho, se transformou numa festa do trabalho. Não são mais os trabalhadores que festejam o tempo livre. São trabalhadores que vendem seu tempo livre como atores de um espetáculo.

Quanto ao governo, eu vejo com simpatia a realização de fóruns e conferências de cultura, em todos os níveis, municipal, estadual e federal. Na medida em que as pessoas se reúnem para definir prioridades de políticas elas se tornam mais conseqüentes. De qualquer maneira, nós ainda levaremos muito tempo para esclarecer o que possa vir a ser uma política que leve em consideração o Folclore no interior de um programa cultural. Entender que folclore não é produto, é muito difícil. Numa sociedade que valoriza a mercadoria, os processos não interessam.

2 – Existe um crescimento de pessoas interessadas em conhecer a cultura popular no País? Existem investimentos públicos que possam realmente incentivar este conhecimento para os visitantes?

Da forma que comentei anteriormente, vejo os meios de comunicação cada vez mais empenhados em mostrar aspectos da cultura popular. O interesse, porém, privilegia a cultura como espetáculo. Lembro no meu texto as transformações por que passou a festa do Divino da cidade de Diamantina – Minas Gerais. Ao se tornar uma festa para turista, o núcleo religioso perdeu importância. O Império, com seu longo cortejo, percorre as ruas da cidade e entra na igreja pela porta da frente e as figuras saem pelas portas laterais, deixando o celebrante da missa solene oficiando para uma igreja quase vazia.

Quanto aos investimentos públicos, há principalmente aqueles vinculados às Leis de Incentivo, que são muito semelhantes ao que acontecia com o

Fundo 157 do regime militar. O Fundo obrigava as pessoas a investir aceitando a hegemonia do capital financeiro. As Leis de Incentivo obrigam os grupos a se burocratizarem para dependerem da captação de recursos caracterizados como “renúncia fiscal”. A relação entre Estado e promoção cultural é cheia de contradições. A concepção de Cultura como esfera autônoma da vida social ainda é um tributo ao culturalismo, do mesmo modo que as leis anti-racistas são um tributo ao racismo. Culturalismo e racismo, diz-se que são teorias refutadas, mas ambas resistem como ideologias fortes.

3 – A cultura popular durante várias décadas ficou afastada do povo das grandes cidades e atualmente tem chegado cada vez mais, mesmo que seja ainda de forma restrita, às várias camadas sociais, principalmente através de entidades que trabalham nesta área. O senhor vê interesse em jovens e adultos na cultura popular de sua região? Esse afastamento pode ter sido por falta de acesso?

Eu não entendo bem esse afastamento “do povo”. O que tem havido, no Brasil, desde a Independência, é um grande esforço das elites de promover uma ampla “Reforma da Cultura popular”. É como se dissessem, nossa nação foi formada por um “povo errado”. Isto foi feito na prática com os programas de imigração, para substituir a mão de obra escrava. José Bonifácio, o Patriarca da Independência, o declarou expressamente. Por que o Brasil não foi descoberto quando os povos da Europa estavam mais desenvolvidos? Em certa época muita gente perguntou e, é possível que pergunte ainda, porque não fomos colonizados pela Inglaterra em vez de Portugal?

O que vem acontecendo é que a partir de certa época, alguns movimentos chamados de nacionalistas se impuseram a tarefa de eliminar nossa imagem de povo atrasado.

Quanto ao interesse de jovens e adultos, atualmente, há mais de 1800 municípios no Brasil se movimentando para entregar até o dia 31 de agosto deste ano um amplo relatório competindo pelo Selo UNICEF de cultura local. Este movimento consiste em documentar todas as manifestações existentes na vida local. Crianças e jovens têm vivido a tradição como processo. Ou seja, procuram quem sabe, para poderem saber também. Eu tenho dito que a UNICEF está nos ensinando a fazer a sopa de pedras. Mesmo que alguns poucos recebam o selo de qualidade, a sopa preparada será uma delícia, seguramente, muito melhor do que a que foi preparada pelos Censos Culturais que editaram longos volumes que não chegaram nunca às pessoas que vivem a prática.

4 – De acordo com a Carta do Folclore, no capítulo 3º que trata sobre o ensino e educação, crianças e jovens deveriam ter um contato amplo com a cultura popular de sua região. Como atingir esse objetivo; o que tem faltado para que escolas e instituições possam repassar esse aprendizado? As universidades federais têm garantido incentivo à pesquisa para o estudo sobre o folclore?

Não há como morar numa dada região e não ter contato com sua “cultura”. O que acontece é que se essa “cultura” é “reformada”; é com ela que se convive e é a partir dela que desenvolvemos nossas representações. A indústria cultural não existe se não houver quem a procure e deseje. A unificação das representações coletivas está profundamente ligada à burocratização das relações sociais; mais do que isto, à mercantilização de tudo que se consome. As amizades, a auto-estima, enfim, tudo, depende de dinheiro. O maior valor hoje passa pelo dinheiro, tudo deve ser medido, pesado, contado, comparado. Outro ponto importante, a produtividade se mede pelo menor custo. Daí, um livro é tanto mais barato quanto maior for a sua tiragem. O autor não escreve mais para um público restrito, escreve para “a humanidade”. O efeito disso é a homogeneização. Desse ponto de vista, o Folclore se situa na contra-mão. A literatura de cordel, as rádios e tvs comunitárias podem ser uma alternativa. No caso das escolas, eu penso



que elas devem deixar de ensinar folclore para os alunos e cuidar de promover a aprendizagem do folclore.

Na minha cidade – Gouveia – MG -, estamos levando para a escola o “pião de taca”. Esse é um nome novo para o que antes todo mundo conhecia apenas como “Pião”. Como a indústria criou e disseminou outros piões e tornou o “pião” confeccionado pelas crianças um arcaísmo, para diferenciá-lo acrescentamos o “de taca”. Com a chegada do pião à escola, o professor de Física pode estudar com alunos, movimentos, aceleração, atrito, inércia, força centrípeta e força centrífuga, centro de equilíbrio, e o de estudos sociais, a relações entre natureza e cultura, técnicas de criação, indústria de móveis, indústria têxtil, divisão do trabalho etc. O processo é inverso. Não se ensina folclore na escola. A escola é que aprende a estudar o folclore. Eu abordei esse assunto no último Congresso de Folclore em Goiânia, lembrando que o folclorista é um estudioso que não estranha seu povo e por isso não defende uma pedagogia popular, no sentido de deter um saber de direção única, ou seja o saber que se pratica pelo ensino. Como afirmou o folclorista catarinense, dr. Oswaldo Cabral, não compete ao folclorista ensinar folclore ao povo, mas aprender com ele. Tornar-se povo.

Isso seria uma Universidade Popular. No meu entender nossos programas universitários não têm este objetivo. As universidades quando estudam o folclore, ou o fazem no interior das teorias da modernização com a intenção de reformar nossos costumes atrasados, ou o fazem como componentes de espetáculo, ou então, como etnografia, quando o pesquisador se mostra estranho ao povo que pesquisa.

As pretensões dos folcloristas são muito modestas e isto fere o orgulho da Universidade. Ao estudar Folclore, a única coisa que pode acontecer é tornar-se povo, com todas as suas implicações.

José Moreira de Souza

XII Congresso Brasileiro de Folclore NATAL 2006



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Ano 12– Agosto 2006.

Diretor Responsável – Kátia Cupertino

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Impressão:

Diretoria da CMFL

Presidente de Honra: Saul Alves Martins

Presidente: Kátia Cupertino

Vice-presidente: José Moreira de Souza

Secretária: Danielle Gomes de Freitas

Tesoureiro: Maria Agripina Neves

Conselho Consultivo da CMFL

Antônio Henrique Weitzel

Edméia da Conceição Faria de Oliveira

Luiz Fernando Vieira Trópia

Endereço para Correspondência

Av. Assis Chateaubriand, 809 - Centro

Comissão Mineira de Folclore / CTM

Anexo à Serraria Souza Pinto.

CEP – 30150-101 Belo Horizonte - MG

E-mail: oficinafolclore@superig.com.br

